



**20**  
**FEVEREIRO**<sup>'21</sup>

---

*CONVERSA*

---

Transmissão  
em direto  
no SubPalco

# BOCA LIVRE

COM ANTÓNIO ALVARENGA,  
MIGUEL CASTRO CALDAS  
SÓNIA BARBOSA E TIAGO RODRIGUES

MODERAÇÃO  
PEDRO SANTOS GUERREIRO



© Carlos Fernandes

90 min. | m/ 6 anos

Convidados ANTÓNIO ALVARENGA,  
MIGUEL CASTRO CALDAS, SÓNIA BARBOSA e TIAGO RODRIGUES  
Moderação PEDRO SANTOS GUERREIRO

*Uma obra artística de referência nunca será apenas uma selfie, uma reflexão autocentrada, mesmo quando se trata de um objeto autobiográfico. Uma obra artística é uma obra que se envolve com o mundo, que o observa, que reflete sobre ele e que entra em diálogo com as questões mais prementes ou mais invisíveis de cada época.*

*Num espetáculo, num concerto, numa instalação, temos a oportunidade de assistir a algumas conclusões ou considerações de um ou vários artistas, mas quando trabalhamos num teatro, como é o nosso caso, temos a oportunidade rara de acompanhar os ensaios, os raciocínios dramáticos, conhecer as opções que foram deixadas de fora, abandonadas, guardadas para outros voos. Quando trabalhamos num teatro, e nos cruzamos nos corredores, assistimos a ensaios que não acertam o ritmo, jantamos juntos naquele dia em que nada do que se está a construir parece fazer sentido, podemos acompanhar, assistir e fazer parte de uma investigação, de uma pesquisa e de múltiplas nuances sobre os temas abordados que nos fascinam e que acabam por ficar de fora ainda que fundamentais para a qualidade do trabalho final. Todas estas ramificações de um projeto, os estudos, as tentativas, os erros, as hipóteses goradas, são, por vezes, inacessíveis ao espectador, e ficam no domínio dos estudiosos e dos especialistas. São essas múltiplas vozes, essas reflexões que ajudaram a obra a crescer e a formar-se, essas visões parciais do mundo e dos seus meandros, que queremos partilhar neste “Boca Livre”. De uma forma descontraída, mas rigorosa, incompleta, mas dedicada, especializada mesmo que inconclusiva. Porque acreditamos que são estes fragmentos por concluir que nos abrem portas a novos contextos, perspetivas para novos futuros quando tudo já parece ter sido dito.*

*O “Boca Livre” pretende ser um espaço para o debate que não andamos a debater porque estamos demasiado ocupados a defender um espaço que tememos perder. Nos tempos que correm somos obrigados, por vezes, a exprimir certezas, a defender posições extremadas, a ser assertivos com os nossos pares com pouco lugar para levantar aquela pergunta que nos poderá levar a uma pergunta maior e não a uma certeza ou uma solução imediata. Uma conversa, um debate entre pares não pode ser um penso rápido sobre as nossas ansiedades e interrogações. E por isso, aqui, no “Boca Livre”, seremos socráticos, passearemos filosofias e filósofos múltiplos, jogaremos intuições na balança das teorias, e universos no caldeirão das minudências; desviar-nos-emos da monocultura que tem assombrado dias tão excessivos como os que vivemos. No “Boca Livre” optamos por falar de TUDO, com TODOS, e com TODA a profundidade! E, quem sabe, com sorte, e também com persistência, centrifugaremos palavras, tabus e evidências e descobriremos a pólvora em todas as sessões.*

*Neste “Boca Livre”, nem o céu será o limite pois, como se sabe, um céu pode habitar qualquer quarta, quinta, décima parede num palco como o do Teatro Viriato.*

**Patrícia Portela**, diretora artística do Teatro Viriato

---

## BOCA LIVRE

---

O Teatro Viriato lança uma nova proposta de programação de conversas. Intitulado “Boca Livre”, este será um espaço de conversas regulares, através do qual são convidados artistas que ocupam o palco do Teatro Viriato com debates centrados nas obras que estão a desenvolver ou nos temas prementes da atualidade com os quais se relacionam.

Neste primeiro “Boca Livre” recebemos os criadores de “A fragilidade de estarmos juntos”, Miguel Castro Caldas, António Alvarenga e Sónia Barbosa e o encenador Tiago Rodrigues criador de “Catarina e a beleza de matar fascistas”. A conversa, que terá moderação do jornalista Pedro Santos Guerreiro, aborda a questão da democracia, relacionando-a com os temas desenvolvidos nos espetáculos destes criadores.

Tal como refere António Alvarenga, esta conversa servirá de reflexão “sobre as fragilidades que estamos a encontrar mais recentemente no sistema em que vivemos, ao qual chamamos democrático”.

---

## A CRIAÇÃO DE “A FRAGILIDADE DE ESTARMOS JUNTOS”

---

*Apesar de já estar a ser pensado há algum tempo, este projeto acelerou a partir da receção e do impacto que teve o espetáculo “Catarina e a beleza de matar fascistas”. A cena artística entrou de rompante, com convicção, ousadia, temeridade e estrondo, no debate sobre certas fraturas observáveis no mundo (e, mais recentemente, em Portugal). E, se calhar, é esse o seu lugar, se a entendermos como espaço de experimentação, de geração de possíveis, de prototipagem.*

*“A fragilidade de estarmos juntos” parte de uma vontade de participar nessa geração de possíveis e estender a reflexão e o debate gerados pelos assuntos que “Catarina e a beleza de matar fascistas”, propõe um diálogo entre enunciados em torno de temas que consideramos absolutamente atuais, complexos e estruturantes do nosso futuro coletivo e individual: a democracia, o liberalismo, o populismo e a (re)ascensão de modelos autoritários (“hipercompetentes” na utilização da alavanca da digitalização e no novo jogo do capitalismo de Estado em contexto de fragmentação geoeconómica).*

*Porque acreditamos em múltiplas possibilidades de análise do real pensamos que talvez a alternativa à ditadura não seja um duelo a dois. Talvez não seja construída pelo combate. Talvez seja a dúvida. Não a hesitação, mas a criação convicta de condições para a hesitação, para o diálogo, para a divergência, para o desenvolvimento de futuros singulares, eternamente provisórios. A democracia vive tanto da luta de poder como da capacidade de dele abdicar. Luta e abdicção em doses que não se anulem, que se misturem.*

*Queremos refletir sobre como a sua força reside nas suas fragilidades. Sobre a possibilidade dos seus elementos de fragilidade e porosidade, as suas fraturas e falhas serem precisamente o que nos permite estar juntos sem futuro (sem que o futuro esteja escrito), viver juntos, criar juntos.*

*Anotamos duas razões principais para a urgência deste diálogo:*

*- O efeito massivo, aglutinador, gregário e simbólico do espetáculo “Catarina e a beleza de matar fascistas”, em particular na comunidade artística.*

*- A importância da criação artística reforçar os processos de geração de possíveis, de abertura de futuros não normativos, de combate ao fatalismo.*

**Miguel Castro Caldas, António Alvarenga e Sónia Barbosa**



---

## MIGUEL CASTRO CALDAS

---

Escreve peças de teatro que antigamente entregava a um encenador, mas agora prefere ser ele a colocá-las em cena com a ajuda de amigos. Fez dramaturgia de espetáculos, traduz ocasionalmente e dá aulas na licenciatura de Teatro na ESAD e na Pós-Graduação em Artes da Escrita na FCSH. Tem o título de Especialista em Artes do Espetáculo e está a preparar um doutoramento no programa em Teoria da Literatura na FLUL. Alguns dos seus textos estão publicados na coleção “Livrinhos de Teatro”, dos Artistas Unidos, na editora Ambar, na Douda Correria, na Mariposa Azul, na Culturgest, na Primeiros Sintomas, e nas revistas Artistas Unidos, Fatal e Blimunda. Recentemente publicou a Antologia “Se eu vivesse tu morrias” e outros textos, publicado na Imprensa Universitária de Coimbra e Enseada, na Douda Correria. Traduziu Samuel Beckett, Harold Pinter, Ali Smith, William Maxwell, John Kolvenbach, Joyce Carol Oates, Salman Rushdie, Senel Paz, Tennessee Williams, entre outros. Ganhou uma Menção Honrosa em 2005 pela atividade de dramaturgo pela Associação de Críticos de Teatro e o prémio SPA 2017 para melhor texto português representado com “Se eu vivesse tu morrias”. Alguns dos seus textos estão traduzidos em espanhol, francês, húngaro, inglês e italiano.

---

## ANTÓNIO ALVARENGA

---

Trabalha em Prospetiva, Estudos do Futuro e Planeamento por Cenários, com ligações (por vezes inesperadas, mas fortes) a outras áreas, com ênfase particular nas artes performativas. Parece que o seu foco é o futuro, mas, na verdade, trabalha sobre o presente, em particular sobre a forma como a experiência e as expectativas se materializam em decisões, e sobre os matizes da interação entre “nós” e o “nosso contexto”.

É Professor Associado Convidado na Nova SBE (“Strategic Foresight and Scenario Planning”) e fundador da ALVA R&C, tendo trabalhado, nos últimos anos, com dezenas de organizações nacionais e internacionais (ONGs, Estado/Administração e empresas). Integra, como investigador, o Centro de Estudos de Gestão do Instituto Superior Técnico (Univ. de Lisboa), sendo ainda investigador associado do Instituto de História Contemporânea (FCSH – Univ. de Lisboa). Conta com múltiplas contribuições para livros e publicações em revistas nacionais e internacionais de referência como *Technological Forecasting and Social Change*, *Foresight*, *The International Journal of Management Science* e *International Journal for Equity in Health*. É doutorado em Ciências da Gestão (Lyon 3), licenciado em Economia (Faculdade de Economia da Univ. do Porto), Mestre em Estudos Económicos Europeus (Colégio da Europa – Bruges) e Pós-Graduado em Estratégia (Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas – Univ. de Lisboa).

Está a trabalhar, sob diversas formas, em “Conselhos para colocar as coisas no seu devido lugar errado” (escreveu 395 até ao momento). Acredita que precisamos de um ligeiro desvio para nos situarmos no mundo. Foi convidado do ciclo utopias do Teatro Maria Matos (“Arquipélago Capital”, 2017), no âmbito do qual realizou a conferência-performance “Como colocar as coisas no seu devido lugar errado” e publicou o capítulo “Notas sobre a mudança: o individual e o global”. Desenvolveu a série de diálogos cumulativos “Neighboring”. Criou, com Leonor Barata, as performances “Madame - conversas privadas em espaço público” (estreia: CC Vila Flor, 2020) e “Do meu lugar, eu vejo-te” (estreia: ACERT, 2020). Com João Fiadeiro, criou o projeto “(soft) Skills for (hard) Decisions (SfD)”, protagonizou a reposição da conversa-performance “O que eu sou não fui sozinho” (Teatro Viriato, New Age New Time, 2018) e participou, como performer, na versão expandida da peça “O Que Fazer Daqui Para Trás” (2019). Foi coautor da peça “Fluxodrama” (estreia: Convento de São Francisco, Coimbra, 2020) da Amarelo Silvestre. Fez o argumento do filme “Nada Pode Ficar” (estreia: Cinema Ideal, Temps d’Images, 2020). Colabora com Marta Wengorovious em vários projetos. Caminhou, feliz da vida, mas sempre de forma contida, na reposição de “Satisfyin Lover” de Steve Paxton (2019) na Culturgest. Trabalhou no workshop “Total Poetry and Contestation” com Marcus Bergner e Myriam Van Imschoot, culminando numa apresentação pública (27/4/19, Espaço Alcantara), e foi um dos convidados do performer/criador Daniel Pizamiglio no âmbito do projeto “Por favor, olhar como se fosse a primeira e última vez” processo “(RE=) INICIAÇÃO” do Ballet Contemporâneo do Norte, maio de 2020. Fez formação vária em teatro, poesia vocal, fotografia e cinema e escreveu para fotografia e sobre cinema.

Tem duas filhas cada vez menos pequenas. Corre.

---

## SÓNIA BARBOSA

---

Encenadora, atriz e docente, licenciada em Estudos Teatrais/Interpretação na Escola Superior de Música e das Artes do Espetáculo do Porto, em 1999. Em 2020, conclui com distinção o doutoramento em Estudos de Teatro na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com o “Projecto Karamázov – pesquisa e criação teatral a partir de ‘Os Irmãos Karamázov’ de F. Dostoiévski”. É artista associada do Teatro Viriato desde 2011. Desde 2018 coordena em colaboração com o Teatro Viriato o projeto “Noite Fora – leituras e conversas sobre teatro”, por onde passaram artistas como Sara Barros Leitão, Guilherme Gomes, Patrícia Portela e Alex Cassal, entre outros. Membro do Coletivo Cava (teatro, artes plásticas, vídeo, fotografia e música), que presentemente ocupa a Incubadora do Centro Histórico de Viseu, com o apoio do Município de Viseu, onde desenvolvem atividades de criação e programação artística. Como atriz trabalha em Portugal e em Itália (onde viveu entre 2002 e 2009) sob a direção de Pierre Voltz, Nuno Cardoso, Andrej Sadowsky, Saguenail, Graeme Pulleyn, Rafaela Santos, Joana Craveiro, Marta Pazos, Fortunato Cerlino, Francesco Saponaro, Luciano Melchionna, Emanuela Guaiana, Cristina Pezzoli, Madalena Victorino, Giacomo Scalisi, Rogério de Carvalho, Nuno Nunes, Gonçalo Amorim, entre outros. É responsável pelas encenações de “Crime e Salvação”, a partir de Marguerite Yourcenar, (Naco – 2009), “Pinóquio”, a partir de Carlo Collodi, (Companhia Paulo Ribeiro/Teatro Viriato – 2010), “Eira”, a partir de Ana de Castro Osório e Vergílio Ferreira (Naco – 2011), “ÁrvoreSer”, a partir de Ítalo Calvino (Teatro Viriato – 2012), Babel de Letizia Russo (Propositário Azul – 2013), “Dentro”, a partir de A. Tchekhov (Jardins Efémeros - 2014), “Ivan ou a Dúvida”, a partir de F. Dostoiévski (Ritual de Domingo/Teatro Viriato - 2017), “Dmitri ou o Pecado”, a partir de F. Dostoiévski (Ritual de Domingo/Teatro Viriato – 2019), “O Meu Amor Virá de Comboio”, a partir de testemunhos reais e literatura de viagens sobre o imaginário das viagens de comboio (Ritual de Domingo – 2019), “A Vida das Árvores”, espetáculo em *site specific* na Cava de Viriato, a partir de diversos textos – Tchekhov, Sófocles, Herberto Helder (Ritual de Domingo – 2020), entre outros. Docente na área do teatro na Escola Superior de Educação de Viseu e na escola Lugar Presente em Viseu. Concebe e orienta oficinas e aulas de teatro em vários contextos desde 2000 (Câmara M. Sta. M<sup>a</sup> da Feira, Associazione Historia-Roma, Universidade de Génova, Lugar Presente, Teatro Viriato, APPDA-Viseu, Associação Naco, Fundação Lapa do Lobo, etc.). Orientou a Formação de Expressão Dramática/Teatro do Programa de Educação Estética e Artística da DGE para professores e educadores, entre 2010 e 2016 na área de Viseu.

**Vivace** Dão • Quinta do Perdigo • **Andante** Seridois • **Adágio** Ana Cristina • Santos Almeida • Ana Maria Albuquerque Sousa • Ana Paula Ramos Rebelo • Centro de Saúde Familiar de Viseu, Lda. • Conceição e Ricardo Brazete • Eduardo Melo e Ana Andrade • Fernando Gomes Morais • Isabel Pais e António Cabral Costa • Isaías Gomes Pinto • Joana Santareno Ferreira • João José da Fonseca e Maria José Agra Regala da Fonseca • José Luís Abrantes • Júlia Alves • Júlio da Fonseca Fernandes • Magdalena Rondeboom e Pieter Rondeboom • Maria de Fátima Ferreira • Maria de Lurdes Poças • Marina Bastos • Martin Obrist e Maria João Obrist • Nanja Kroon • Paula Costa • Paula Cristina Cardoso • Paula Nelas • Renato Lopes e Margarida Leitão • **Júnior** Beatriz Afonso Delgado • Gaspar Gomes • E outros que optaram pelo anonimato.

## MECENAS



## APOIO



## APOIO À DIVULGAÇÃO



Patrícia Portela *Direção Artística* • Sandra Correia *Direção Administrativa e Financeira* • Maria João Rochete *Coordenação de Produção* • Carlos Fernandes *Produção* • Paulo Matos *Coordenação Técnica* • Nelson Almeida e João Rodrigues *Técnicos de Palco* • Ana Filipa Rodrigues e Liliana Rodrigues *Comunicação e Imprensa* • Teresa Vale *Produção Gráfica* • Gisélia Antunes *Coordenadora de Frente de Casa e Bilheteira* • Susana Cardoso *Assistente de Bilheteira e Comunicação* • **Consultores** Maria de Assis Swinnerton *Programação* • Marisa Miranda *Comunicação* • **Colaboradores** António Ribeiro de Carvalho *Assuntos Jurídicos* • José António Loureiro *Eletricidade* • Contraponto *Contabilidade* • José António Pinto *Encarregado da Proteção de Dados* • Info Things *Informática* • Carlos Fernandes e Raquel Balsa *Fotografia de Espetáculo* • **Colaboração Especial** José Fernandes • **Acolhimento do Público** André Rodrigues, Catarina Loureiro, Filipa Antunes, Francisco Pereira, Joana Silva, João Almeida, José Vaz, Leonor Esteves, Luís Sousa, Natália Rodrigues, Roberto Terra, Ricardo Meireles e Sandra Amaral